
EL@S VOLTAM NO SÁBADO:ⁱ ENREDOS DO LASEB DE EDUCAÇÃO E CINEMA

They come back on Saturday:
Laseb's enmeshes of Education and Cinema

El@s vuelven el sábado:
Laseb parcelas de Educación y Cine

Inês Assunção Teixeira¹

RESUMO

O artigo analisa questões e aspectos relativos ao primeiro Curso de Especialização em Educação e Cinema destinado a professores/as de escolas públicas de Educação Básica, realizado mediante convênio entre a Faculdade de Educação da UFMG e a Secretaria Municipal de Ensino de Belo Horizonte (RME/BH) e subsídios do MEC, sendo esta uma das áreas temáticas que constituiu o Curso de Especialização em Formação de Educadores/as para a Educação Básica (Laseb) em sua sexta edição. Trata-se de um projeto de formação continuada de educadores/as pioneiro no país, focalizando a temática da Educação e Cinema, realizado aos sábados, no período de março de 2013 a junho de 2015, do qual participaram 40 educadores/as da Educação Infantil, do Ensino Fundamental I e II, bem como diretores e bibliotecários de escolas da RME/BH. Quanto aos encaminhamentos metodológicos da pesquisa que deu origem ao artigo, constituiu-se de levantamento e análise de documentos, tendo como fonte o acervo do Laseb e da coordenação do Curso de Educação e Cinema. Entre outros pontos, destaca-se na proposta curricular desta Especialização a atividade de planejamento e elaboração de monografias de final de curso, que constituíram um registro, uma sistematização e análise dos projetos realizados pelos/as educadores/as. O Curso, cujo objetivo central foi o de contribuir para a formação estética e a reinvenção das práticas pedagógicas dos/as educadores/as com cinema e audiovisual, sustentou-se no pressuposto de que estes devem ser trazidos à escola e à docência, para que a humanizem, enriqueçam e ampliem, a educação de crianças, jovens e adultos.

PALAVRAS-CHAVE: Educação e Cinema. Formação docente.

ABSTRACT

This article analyzes issues and aspects related to the first Specialization Course in Education and Cinema for teachers of public schools of Basic Education, made through an agreement between the Faculty of Education of UFMG and the Municipal Secretary of Education of Belo Horizonte (RME / BH) and grants from the MEC, this being one of the thematic areas that constituted the Specialization Course in Training of Educators for Basic Education (Laseb) in its sixth edition. It is a project of continuous training of educators / pioneers in the country, focusing on the theme of Education and Cinema, held on Saturdays, from March 2013 to June 2015, attended by 40 educators of Early Childhood Education , Elementary School I and II, as well as directors and school librarians of RME / BH. As far as the methodological orientations of the research that originated the article, was constituted of survey and analysis of documents, having as its source the Laseb collection and the

¹ Doutorado em Educação - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Belo Horizonte, MG – Brasil.
Professor associado da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Belo Horizonte, MG – Brasil.
E-mail: inestei@uol.com.br

coordination of the Education and Cinema Course. Among other points, the curricular proposal of this Specialization highlights the activity of planning and preparation of end-of-course monographs, which constituted a record, a systematization and analysis of the projects carried out by the educators. The course, whose main objective was to contribute to the aesthetic formation and the reinvention of the pedagogical practices of the educators with cinema and audiovisual, was based on the assumption that these should be brought to school and teaching, so that To humanize, enrich and expand the education of children, young people and adults.

KEY WORDS: Education and Cinema. Teacher training.

RESUMEN

El artículo analiza los problemas y aspectos relacionados con la primera especialización en Educación y Teatro para los profesores / los colegios públicos de educación básica, celebrado en virtud de un acuerdo entre la Facultad de Educación de la UFMG y la Municipal de Belo Horizonte Educación (RME / BH) y MEC becas, lo cual es una de las áreas temáticas que fue el Curso de Especialización en Formación de educadores / as para la Educación básica (Laseb) en su sexta edición. Esta es una continuación de los educadores proyecto de educación / el pionero en el país, centrándose en el tema de Educación y Cine, celebrado los sábados, a partir de marzo 2013 a junio 2015, al que asistieron 40 educadores / as de la educación infantil , la escuela primaria I y II, así como directores y bibliotecarios de escuelas RME / Ban. En cuanto a las referencias de investigación metodológica que llevaron al artículo, que consistía en la encuesta y el análisis de documentos, con la fuente de la colección Laseb y la coordinación de Educación y Curso de Cine. Entre otras cosas, se destaca en esta especialización propuesta curricular de la actividad de planificación y preparación del curso final de monografías, que constituyen un registro, sistematización y análisis de los proyectos llevados a cabo por los / las educadores / as. El curso, cuyo principal objetivo era contribuir a la formación estética y la reinención de las prácticas pedagógicas de los / las educadores / as con el cine y audiovisual, fue sostenido en el supuesto de que éstas deben ser llevados a la escuela y la enseñanza, por lo humanizar, enriquecer y ampliar la educación de niños, jóvenes y adultos.

PALABRAS CLAVE: Educación y cine. la formación del profesorado.

INTRODUÇÃO

No confronto com o pensamento único, temos que ter claro que a política não é a “arte de fazer o que é possível fazer”, como é costume dizer, mas sim a arte de tornar possível o que é necessário fazer. Cidadão não é aquele que vive em sociedade – é aquele que a transforma!

Arte não é adorno, palavra não é absoluta, som não é ruído, as imagens falam, convencem e dominam. A estes três Poderes – Palavra, Som e Imagem – não podemos renunciar, sob pena de renunciarmos à nossa condição humana.

Augusto Boal

Eles e elas lá estavam, aos sábados. Do início das manhãs ao final das tardes. Eram os tempos de abril de 2013 a junho de 2015 na Faculdade de Educação da UFMG. Ali estavam personagens do magistério de escolas da Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte: professoras da Educação Infantil, do Fundamental II, da EJA, colegas das bibliotecas e da direção das escolas. Ali estavam educadores e educadoras, encenando outros enredos. Outras cenas dos tempos e espaços ditos de formação acadêmica continuada. Novas fabulações.

Ali projetavam-se outras imagens – tão vivas e reais quanto as do cotidiano da escola – que aquele grupo trazia consigo. Ainda que fosse sábado, era como se aquele grupo estivesse fazendo filmes semelhantes a “Ela volta na quinta”, de André Novaes. Aquele jovem cineasta mineiro, de Contagem, que de dentro de sua casa filmou seu pai e sua mãe nas tramas do dia a dia. Filme do cinema brasileiro atual, que inspira o título deste trabalho, que também nos remete à obra de Anna Muylaert, “Que horas ela volta”, na qual o professor de história é muito bem lembrando pela Jéssica, a jovem.²

Essa era a proposta. Era essa a promessa. Essa era a aposta: o cinema humaniza a docência. O cinema dá mais beleza à docência. O cinema pode trazer o/a professor/a para as lembranças de crianças, adolescentes e jovens como alguém que marcou positivamente, que ampliou os conhecimentos, a sensibilidade, as possibilidades, o discernimento. É possível que os/as professores/as fiquem nas histórias das Jéssicas e de milhares de outros jovens como formosas tatuagens: outras marcas nos corpos juvenis de nossas escolas.

Ainda que os tempos dos sábados e finais de semana sejam preciosos e curtos para aquele grupo que trabalha longas jornadas nas escolas e em casa nos dias de semana; ainda que os sábados devessem ser somente para descanso e lazer, para encontrar a família, os amigos e outros mais que ampliam nossas redes de relações; ainda que os sábados devessem ser para vagar, devagar, o grupo ali estava, ocupando a FAE. Muitas vezes, aquela turma voltava não somente para os estudos e compromisso assumido com o Laseb. Eles voltavam por outras razões: algo prazeroso poderia estar ali. Assim falaram duas estudantes professoras em um grupo focal, realizado pela coordenação do Laseb, conforme registrado no Relatório da Sexta Edição do Laseb (2016, p. 21-22):

² Estamos nos referindo a uma cena na qual Jéssica é inquirida pelos padrões de sua mãe sobre sua escola. Ela diz: “A escola não era muito boa não, mas eu sempre tive ajuda, né? Aí, eu tive um professor de História, o João Emanuel, que me ajudou bastante”. A dona da casa continua o assunto, perguntando: “Ele ajudou como? Como que ele ajudou?” Jéssica responde: “Ah, ele tinha uma visão muito crítica das coisas. Então ele passou pra gente umas coisas muito importantes pra gente pensar, né? Botou nossa cabeça pra funcionar.”

Professora E: Na Educação e Cinema a gente tinha a fala de que se sentiu muito acolhido e os professores entenderam aquela doideira de um sábado inteirinho. A gente tinha sempre um colo para esse sofrimento de ficar o dia todo e chegar em casa e fazer o que não fez durante o dia, vai fazer durante a noite.

Professora H: Estar aqui no sábado não foi problema, pelo contrário, era um prazer.

Ali chegavam aqueles/as professores/as, para ficar em um outro lugar – de estudantes –, sem com isso perderem sua condição de educadores, pelo que se escutava nas conversas na sala de aula, nos corredores, na cantina da FAE e seus arredores, nos quais a docência palpitava inteira. Nos relatos da semana, aparecia a escola, reaparecia o trabalho da docência, aparecia o sujeito professor/a, individual e coletivamente. Era como se as escolas e os meninos, meninas e adultos alunos viessem com eles naqueles sábados. A galera da escola estava sempre presente na força daqueles relatos, nas imagens e cenas escolares revividas e interrogadas. Entremeadas com alegrias e dores. A meninada, os acontecimentos da escola também não faltaram nas filmagens e fotos que a turma trazia para as atividades dos sábados. E foram muitos esses exercícios de criação fílmica.

Ali estavam, ainda, outros personagens fundamentais: a equipe de professores/as dos docentes estudantes, vindos de farta experiência, formação e percursos. Tanto a equipe das chamadas disciplinas do eixo pedagógico quanto a do eixo do cinema foi criteriosamente escolhida. No eixo do cinema, estiveram ministrando disciplinas, com significativa reflexão tanto em cinema, especificamente, quanto em educação e cinema e temas correlatos. Foram promissoras as trocas das equipes de docentes com aqueles seus colegas da Educação Básica, dialogando sobre temas relevantes para se reinventar a docência com o cinema, para se recriar a escola com o cinema, como se a educação interrogasse o cinema e o cinema interpelasse a educação.

E se, em alguns daqueles sábados e outros, percorrêssemos o Brasil de ponta a ponta, encontraríamos inúmeros desses personagens – equipes de professores formadores e seus colegas profissionais da Educação Básica – em tempos e espaços semelhantes aos do Laseb, docentes participantes de outras iniciativas de formação acadêmica de professores, fosse em cursos de graduação semipresencial ou todo presencial, fosse em especializações/pós-graduação *lato sensu* e outras modalidades de cursos de aperfeiçoamento em diversas modalidades e duração, além de eventos acadêmico-científicos que “aproveitam” os recessos e finais de semana dos profissionais da escola.

Porém, se tais cenários se repetiram e continuam acontecendo pelo Brasil afora aos sábados, além de em alguns períodos de recesso e de férias escolares, o Laseb de Educação e Cinema foi uma situação única: trata-se de um projeto singular em sua proposta inaugural. Naqueles tantos sábados se realizava uma experiência inédita no país – o primeiro Curso de

Especialização (Pós-graduação *Lato Sensu*) em Educação e Cinema –, destinado a profissionais de uma rede municipal de educação: o “Laseb do Cinema”, como foi afetuosamente chamado entre nós. Esse pioneirismo deve ser ressaltado, sendo uma das razões pelas quais essa experiência primeira tornou-se objeto de pesquisa, estando uma pequena parte dela registrada neste artigo.³

Mas não bastam essas cenas para pensar esse projeto. É preciso interrogá-las, tentando compreender seus aconteceres e significados, o que representaram. Algo mais se escondia e se mostrava naqueles sábados? Como tudo aquilo começou? Quais os seus desdobramentos na escola? Que significados, saberes e sabores essa experiência constituiu para aquele grupo? Sobre essas questões e outros aspectos buscamos refletir neste trabalho, a título de uma primeira sistematização de pesquisa sobre esse projeto.

COMO TUDO COMEÇOU, COMO SE DESENHOU

O Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* para Educadores da Educação Básica (Laseb) é um curso de especialização *lato sensu* destinado a educadores que atuam no Ensino Fundamental e Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte (RME/BH), com caráter de formação continuada. A proposta é uma idealização e realização da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (SMED) em parceria com a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG), desenvolvida mediante recursos e apoio do FNDE, conforme registrado em documento e convênio. Conforme o Relatório de Encerramento da 6ª Edição do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, documento da coordenação do Laseb encaminhado à SMED em abril de 2016 (p. 5),

O Laseb surgiu em 2006 da histórica parceria entre a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e os sistemas públicos de ensino. Criado para atender aos anseios de formação continuada dos profissionais da rede municipal de ensino de Belo Horizonte, garantindo-lhes qualidade, certificação e, principalmente, sintonia com as questões emergentes da prática das escolas dessa rede, o Laseb se consolidou como um modelo a ser seguido para formação continuada de professores, fonte rica de pesquisa e desdobramentos em ações de extensão da UFMG.

Na sexta edição do Laseb (2014-2015), quando foi oferecida pela primeira vez a especialização em Educação e Cinema, no conjunto dos cursos dessa edição, foram criadas 240 vagas, exclusivas para a Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte. Tais vagas foram distribuídas em turmas de 40 educadores estudantes, sendo uma delas de Educação e Cinema. Sobre essa especialização, o Relatório (2016, p. 6) prossegue:

³ Este artigo sistematiza uma pequena parte do projeto de Bolsa de Produtividade em Pesquisa do CNPq.

A área Educação e Cinema, inovadora para o formato de especialização *lato sensu*, introduziu para os professores da educação básica a reflexão sobre a importância estética e educativa do cinema na formação do gosto e da sensibilidade dos mesmos. Ela propôs a inserção efetiva do cinema no cotidiano das atividades profissionais e práticas culturais dos professores. Possibilita estudos, reflexões e práticas sociais sobre a arte do cinema e da linguagem, oferecendo elementos para a realização de exercícios fílmicos na escola. Dá destaque, ainda, à discussão sobre a importância da imagem nas sociedades contemporâneas e a necessidade de uma “educação do olhar” ou “alfabetização audiovisual” dos professores.

Essa ideia, ou melhor, esse sonho acalentado há s vários anos foi apresentado à SMED, que acatou a proposta. Sendo assim, na sexta edição do Laseb foi ofertada a primeira e única turma de especialização em Educação e Cinema, para a qual se inscreveram 50 professores. Mediante os critérios e sorteio realizado pela coordenação geral do Laseb, foi constituída essa primeira turma, com 40 profissionais de escolas da RME/BH.

Na origem dessa iniciativa, alguns pontos se destacam. De um lado, a preocupação e sensibilidade da FAE/UFMG, vindas de longa data, em especial dos pesquisadores do Prodoc (Grupo de Pesquisa sobre Condição e Formação Docente) quanto à formação estética dos professores e as responsabilidades desta Faculdade quanto a isso. Outro fator que tornou possível esse “sonho sonhado junto” foram os vínculos de alguns professores pesquisadores do Prodoc com a RedeKino – Rede Latino-americana de Educação, Cinema e Audiovisual, criada nos idos de 2009 naquela mesma FAE/UFMG. Pode-se afirmar, sem qualquer equívoco, que o Laseb de Educação e Cinema é um dos herdeiros da Kino, sendo que disciplinas foram formuladas e desenvolvidas por membros da coordenação dessa Rede, que assumiram aulas naquela primeira turma. Um terceiro aspecto que confluuiu para a realização do Laseb do Cinema foi a sensibilidade e o compromisso da então secretária da SMED com a proposta e as ações da coordenação do LASEB para que essa nova modalidade de especialização fosse oferecida.

O Laseb, em sua versão de Educação e Cinema, assim como nas outras de suas especializações, é um esforço coletivo e um compromisso público da Faculdade de Educação da UFMG em parceria com a SMED. Esse tipo de iniciativa, semelhante a outras realizações exemplares de Faculdades de Educação e Cursos de Cinema de instituições públicas no Brasil, devem ser destacadas por sua relevância, visto que a universidade pública nunca poderá se furtar às suas responsabilidades em relação à educação brasileira,

A partir dos critérios existentes, dos 50 profissionais da RME/BH inscritos para cursar o Laseb de Educação e Cinema, 40 foram sorteados, constituindo-se um grupo de docentes estudantes composto por 31 mulheres e 9 homens. Quanto à formação em nível de graduação, a distribuição era: Pedagogia ou Normal Superior = 18; Letras = 7; História = 6; Geografia = 4; e Artes = 2. Os 6 restantes tinham graduação em Educação Física, Ciências

Biológicas, Filosofia, Biblioteconomia, Direito e Cinema, havendo um docente de cada uma dessas áreas. A maior parte do grupo, 18 professores, tinham à época (2014) de 5 a 9 anos de Rede Municipal de Belo Horizonte, enquanto 11 deles tinham de 10 a 12 anos, 8 tinham até 5 anos e 3 docentes tinham mais de 20 anos de Rede. Quanto ao nível e modalidade de ensino em que atuavam, observou-se que 6 docentes eram da Educação Infantil e 34 do Ensino Fundamental, sendo que, desses, 2 eram diretoras, 2 funcionários de bibliotecas de escola e todos os demais eram de EJA.

Em termos gerais, a proposta do Laseb de Educação e Cinema teve por objetivo ampliar os usos e a reflexão sobre a linguagem e a estética cinematográficas nos processos educativos escolares, discutindo questões como a instrumentalização do cinema, a pedagogia das imagens e a ampliação da educação estética e a sensibilidade de professores cursistas, em atuação na Educação Básica da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte (RME/BH). A proposta não se destinou à formação de cineastas, mas pretendeu estimular e possibilitar estudos, reflexões e práticas educativas com cinema e seus processos de produção e criação, oferecendo subsídios para que os professores viessem a inseri-lo efetivamente no cotidiano de suas atividades profissionais e em suas práticas culturais cotidianas, assim como o audiovisual.

ONDE TUDO SE INSPIROU: “PALAVRAS DE FONTE”

As ideias que serviram de inspiração teórica, política e pedagógica à proposta do Laseb de Educação e Cinema estão em Freire (1997), nossa referência maior para os caminhos da educação no Brasil e demais territórios latino-americanos e caribenhos, em especial. Para além de entender que a educação pode ser uma parte de processos sociais emancipatórios, bem como de nos ensinar que educação, sociedade e história não se separam, havendo estruturas e dinâmicas sociopolíticas que circunscrevem os processos e sistemas educativos, nos quais estes vão mostrando seus limites e possibilidades, Freire sempre se moveu, se comoveu e se comprometeu não somente com os temas da educação, mas com a questão social latino-americana. Neles grafou as ideias da educação como prática de liberdade e de pedagogia do oprimido. Pensando com Freire, compreendemos que a educação é gesto amoroso e ato político e não pode perder a boniteza. Ele observa: “A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.” (FREIRE, 1997, p. 49). Por isso e muito mais, a sensibilidade e proposições desse pensador são imprescindíveis na formação de professores em quaisquer de seus âmbitos, entre eles o da Educação e Cinema.

Às inspirações freirianas somamos outras tantas, como as invenções de Augusto Boal, que, à semelhança de Freire, legou-nos a ideia de uma estética do oprimido. Nesses pensadores encontramos necessárias e urgentes proposições para os educadores.

Essas referências nos conduzem à compreensão do ato educativo e do exercício da docência como uma humana docência, nos termos de Miguel Arroyo (2010). Aqui, algo muito além do ensino, da instrução, do aprender e ensinar conteúdos disciplinares se impõe ao ofício de mestre.

Por essas trilhas, pensando na possibilidade de humanizar e dar beleza à docência, algumas ideias se colocam quanto à formação de professores em termos gerais e para a formação em Educação e Cinema, em particular. Temática, compromisso e finalidade primeira dos cursos de especialização do Laseb em todas as suas modalidades e edições, aos quais incorporamos o cinema, a formação de professores a entendemos como algo muito mais amplo e complexo do que seus traçados acadêmicos. Ela alcança espaços e tempos múltiplos, situações variadas. Também não se trata de colocar os educadores em formas rígidas e definitivas. Ao contrário, trata-se de desenhar formas em leves e abertos traçados; trata-se de desenhar horizontes de possíveis para a realização da humana docência em seus inacabamentos.

A formação de professores é devir. Ainda que contenha normas regulamentares, ela se passa entre o instituído e o instituinte. A formação de professores está entre a docência e as docências – no singular, porque é um trabalho específico, e plural, porque a docência é mutante, é variação, é reinvenção, é deslocamento. A docência está mais para a incerteza e a pergunta do que para as certezas e respostas. A docência está mais para a aventura do que para o seguro. Está mais para a exceção do que para a regra. A docência se instala entre a pedagogia e a *poiesis*. A humana docência precisa tanto da ciência quanto da literatura e das artes. Ela precisa da sensibilidade e da colaboração. E não se trata de competências, sobretudo se tomarmos da palavra sua etimologia, do competir.

A formação de professores não é um processo acabado. São movimentos de formação e formação em movimento, que se realizam nos vários tempos e espaços da vida social, a começar pelos aprendizados vindos do trabalho cotidiano dos docentes nas escolas. Nesses movimentos dos processos formativos se destacam a formação universitária – as Licenciaturas, o curso de Pedagogia, a formação acadêmica inicial e continuada, realizadas no Ensino Superior, embora a formação acadêmica seja apenas uma parte dessa formação, na qual o Laseb se localiza.

Quanto à formação de professores para trabalhos com cinema, partindo das bases acima apontadas, tem também seus princípios específicos, calcados nos domínios da formação estética e na potência da arte cinematográfica e suas contribuições para os

processos de formação humana, política, cultural – para a formação do sujeito ético e estético, capaz de habitar a *polis*, a vida em comum com dignidade, responsabilidade e zelo, agindo de forma justa e democrática, em busca do bem e da vida para todos. Um sujeito comprometido com a igualdade de direitos e a diferença de modos de pensar e agir no mundo, sem ferir o que deve ser de todos, começando pela Pachamama, a terra.

Antes de pensar essa questão, é preciso destacar que o tema da formação dos professores nos remete às relações dos educadores com a arte, de um modo geral. Nesse sentido, entendemos que inscrever a arte na escola é tarefa de todos os educadores, não apenas dos professores de arte e/ou arte-educadores. A experiência estética deve estar em todos os tempos e espaços dos territórios escolares, embora os professores de arte, os colegas da arte-educação neles se destaquem, tendo uma responsabilidade específica.

Além disso, entendemos que a arte na escola e na docência é algo da ordem do espanto, do inusitado, da transgressão, do que não se enquadra. Quiçá a arte na escola possa se realizar como um direito à vida como beleza. Quiçá a arte na escola possa servir à vida que amanhece em nossas crianças, adolescentes e jovens, para que arrebente em floração. Para que realizem a vida plena, digna, feliz.

Conforme Faria, Grammond e Teixeira (2014), o cinema é imprescindível na formação dos professores, entre outros motivos, porque ele “ajuda a olhar”, lembrando o pedido da criança a seu pai, ao ver o mar pela primeira vez (GALEANO, 2005, p. 38).

Também estiveram e seguem em nossa companhia, como auxílio aos nossos sempre inacabados entendimentos para o cinema na formação de professores, as contribuições de César Migliorin em seu ensaio sobre a relação entre estética e democracia e suas conexões com a educação. Partindo da ideia de que o cinema se distingue de outras artes mais pela intensidade do que por uma suposta natureza de uma obra cinematográfica; entendendo que cinema é trabalho e que instalando-se entre o que é espaço e o que é vazio, o que é grito e o que é fala, entre o que é sonho e realidade, o autor (2010, p. 106) salienta que estando entre essas “*indiscernibilidades* é que o cinema pode e arrisca”.

O cinema inventando formas de compartilhamento, de relações e processos horizontais, anteriores a qualquer hierarquia e muito mais. Aqui estão algumas das belas ideias/palavras de fonte e não de tanque, por onde transcorria o Laseb de Educação e Cinema, retomando a expressão de Manoel de Barros (2003).

COMO TUDO SE PASSOU

Os acontecimentos, viveres e fazeres daqueles tanto sábados de encontros com o cinema, em seus objetivos e arquitetura mais formal e mais geral, estão ligados às finalidades e estrutura curricular da proposta. A esse respeito, todos os cursos do Laseb, para qualquer de suas especializações, estão divididos em dois grandes eixos de disciplinas: o dos conteúdos ditos pedagógicos e o eixo de cada área de especialização. Fazem parte, também, da estrutura curricular, o memorial individual, os seminários e oficinas realizados com as várias turmas juntas e a ACPP – Análise Crítica da Prática Pedagógica. Esta disciplina se desenrola ao longo de todo os meses do curso, percorrendo do momento da apresentação e discussão do memorial até a defesa da monografia no final do percurso formativo.

Assim, além da ACPP, o grupo do Laseb do Cinema, como as demais áreas oferecidas na sexta edição desse projeto, cursou as cinco disciplinas consideradas do Eixo Comum, com 30 horas cada uma delas. Quanto ao Eixo Específico, de Educação e Cinema, com 30 horas cada uma delas, foram oito as disciplinas cursadas, quais sejam: Cinema e Experiência Estética; História Social do Cinema; Cinema e Memória; Cinema e Narrativa; Cinema e Audiovisual: Produção, Políticas e Circuitos; Concepções, Experiências e Metodologias de Trabalho com Cinema na Escola; e Educação, Docência e Cinema. Para a ACPP, a turma foi dividida em quatro grupos de dez estudantes, cada um deles sob a supervisão de uma professora da equipe dos formadores do Laseb da área de Educação e Cinema. Por decisão desses orientadores, esses grupos foram formados a partir do interesse dos estudantes em realizar produções audiovisuais ou práticas cineclubistas. Conforme formalizado no Projeto Geral do Laseb, a disciplina Análise Crítica da Prática Pedagógica (ACPP), integrante do currículo de todas as especializações já oferecidas, tem como base a idealização e realização de um projeto, uma experiência, uma atividade, uma intervenção pedagógica daqueles estudantes professores nas escolas nas quais trabalham, práticas essas direcionadas para a temática de sua especialização no Laseb. Em nosso caso, com cinema. Durante todos os meses do curso, essas atividades dos cursistas foram acompanhadas pelos professores orientadores, que auxiliaram os estudantes professores nessa caminhada que envolvia desde a idealização, elaboração de um projeto e sua execução naquela intervenção pedagógica até sua sistematização na monografia e respectiva defesa pública mediante banca examinadora.

Segundo os professores orientadores, ao longo da ACPP foram desenvolvidas

atividades coletivas e individuais nas quais os estudantes professores foram estimulados a examinar e avaliar os conhecimentos produzidos no contexto de suas diversas experiências de vida e em sua prática profissional. Foram oferecidos subsídios na forma de exibição de produções fílmicas e também valorizadas as discussões teóricas nesses encontros, subsidiadas por textos escritos que contribuíam para o fortalecimento das relações teórico-práticas essenciais ao exercício da função docente. Além de inúmeros curta-metragens, que foram exibidos integralmente, também foram examinados trabalhos fotográficos que auxiliaram a entender noções como enquadramento, ponto de vista, fora de campo, imagem de arquivo, etc. (RELATÓRIO DA COORDENAÇÃO DO LASEB, 2016, p. 35)

No desenrolar da ACPP foram realizadas, também, discussões teóricas e práticas em suas reuniões com os subgrupos dos dez estudantes, como também atividades e estudos para a elaboração fundamentada de planos de ação que orientaram uma intervenção nos problemas, demandas ou questões educacionais e escolares e o planejamento e produção da monografia sobre essa experiência. Ainda conforme os/as orientadores/as, em busca permanente de proposições e ações para que cada professor estudante pudesse analisar a sua própria prática pedagógica cotidiana, as três professoras e o professor orientador possibilitaram a realização de um processo de aprendizado coletivo e de partilha das experiências desenvolvidas nas escolas no interior dos subgrupos. Ponto alto da proposta curricular, para onde confluem vários esforços e encaminhamentos de todo o curso e suas respectivas disciplinas, a ACPP coloca em pauta de modo sistemático e investigativo algumas das possibilidades de trabalho com cinema na escola, no cotidiano da docência.

Se pensarmos um currículo como algo sempre em construção, há aspectos a serem aprimorados na proposta do Laseb. De qualquer forma, ressaltamos que são visíveis seus acertos e pertinência até aqui, sobretudo no que concerne ao planejamento e realização de uma intervenção concreta, direta e reflexiva no cotidiano da docência e da escola, por parte dos cursistas. Esse esforço se traduz no planejamento e elaboração da monografia, tal como se observa no título das produções listadas acima. Neles se observam a variedade e o escopo dos projetos realizados, que vão do cinema no horário do recreio aos cineclubes na escola; do cinema presente no ensino dos conteúdos disciplinares ao cinema na discussão de temáticas mais amplas e transversais; da produção de exercícios fílmicos à mistura do cinema com a literatura, com a escrita em projetos realizados com as crianças, na educação infantil e com os jovens e adultos da escola, como os que tematizaram o trabalho, entre outras observações acima indicadas. Para além de tudo isso que o Laseb representou, outros aspectos devem ser destacados.

O QUE LHES PASSOU

No grupo focal as professoras falam:

Professora I: Você vai refletir junto com seus colegas... eu tive a oportunidade de compartilhar muito material que eu li e achei interessante... eu pude compartilhar com meus colegas... então tem uma colega que a gente sempre discute... sempre retoma as aulas da professora X ... “você lembra quando a gente estava estudando isso que discutimos isso...?” ela sempre retoma... porque ela leu todos os textos que a professora X deu... discutíamos no sábado... então acho que essa é outra oportunidade... de a gente refletir a nossa prática... não só... sozinha... mas você poder compartilhar

Professora E: O Laseb continua. Eu terminei ano passado, mas eu continuo fazendo as coisas que eu fazia aqui ano passado, sem minha orientadora, mas faço. E de uma certa forma ampliou minha prática. Eu estou fazendo coisas, melhorei coisas que eu já fazia, planejamento, diário de bordo. O Laseb ficou, não saiu de mim. (Extratos de Grupo Focal contido no Relatório da Coordenação do Laseb, 2016, p. 23)

Estas palavras de duas professoras estudantes do Laseb talvez bastassem para falar do que este projeto significou para muitos e muitas que ali estiveram, naqueles tantos sábados e para além deles, levando consigo o Laseb. No caso do Laseb de Educação e Cinema, objeto deste artigo, foi generosa a experiência. Foram vívidos viveres, aqueles sábados junto com os colegas e professores das disciplinas, além de outros espaços de cinema, como o CineOP, o Fórum da RedeKino, onde muitos estiveram. Foi uma vivência significativa e promissora, ainda que em diversas intensidades, tonalidades e formas: para muitos daqueles estudantes professores foi marcante, definitiva, intensa: “O Laseb ficou, não saiu de mim”, reiterando o dito. Para outros, representou um pouco menos, por certo. A par dessas variações, há ganhos muito visíveis em termos gerais.

Tomando dois planos analíticos, um mais individual e do grupo de estudantes professores que participaram, e outro um plano mais amplo, relativo à formação de professores no âmbito da Educação e Cinema no projeto do Laseb, alguns pontos se destacam, entre outros. No primeiro desses dois planos, ou no que toca ao vivido individual e coletivamente naqueles sábados, aspectos que reverberavam para muito além desse dia e do espaço da FAE, um dos pontos mais visíveis refere-se ao (re)encontro: com os colegas de Laseb, de outras escolas, educadores de um modo geral; com os professores/as e respectivas disciplinas e, ainda, com os orientadores de monografias; com a Faculdade de Educação. E, sobretudo, o (re)encontro com o cinema.

Sendo o grupo da primeira turma do Laseb de Educação e Cinema composto por profissionais de diferentes escolas da RME/BH, assim como de outras turmas do Laseb, esse encontro com os colegas professores da Educação Infantil ao Fundamental II, bibliotecários

e diretores foi o primeiro tipo de encontro que o curso representa. Encontros em condições mais leves, mais informais, que vão das salas de aula à cantina, aos corredores da FAE, aos períodos das caronas, quando não em uma mesa de bar, para uma cervejinha, como ocorreu algumas poucas vezes. Esses tempos são preciosos, porque neles há uma sincera partilha do dia a dia da escola e da docência e dos viveres do próprio Laseb, entre colegas, tempos que se enriquecem também porque, naqueles mesmos sábados, há outros profissionais da RME/BH fazendo outros cursos do Laseb, com os quais também se realizam trocas e pequenos encontros, inclusive em oficinas e outras atividades deste Projeto, que rompem as fronteiras das turmas, reunindo diferentes estudantes professores para certas atividades.

Também foi significativo o encontro dos estudantes professores da turma de Educação e Cinema com seus professores, sejam os das disciplinas do eixo curricular de Educação e Cinema, especificamente, sejam do eixo das disciplinas pedagógicas comuns, como registrado acima. Ali foram largas as trocas, os ensinamentos, os aprendizados. Ali estiveram pessoas de referência da Educação e Cinema no Brasil, da RedeKino, mais especificamente, como Adriana Fresquet e Milene Gusmão. Ali estiveram cineastas como Elza Cataldo, uma das cineastas do cinema mineiro na atualidade, assim como Claudia Mesquita, pesquisadora de cinema brasileiro, entre outras colaboradoras, que ali estiveram, aos sábados, ministrando disciplinas do eixo curricular do cinema. Para além desse encontro e reencontro entre os pares, certamente terá sido esse o maior e mais significativo (re)encontro com a arte do cinema. Naqueles sábados, e para além deles, porque esses tempos reverberaram em tempos outros da vida daquele grupo, o cinema renasceu. O repertório cinematográfico não apenas se ampliou, como se alterou qualitativamente. As possibilidades de se pensar tanto o gesto criativo do cinema dos diretores dos filmes, quanto a hipótese cinema nos termos de Bergala (2008) e outras tantas possibilidades do cinema na docência e na escola, inclusive a criação de exercícios fílmicos com os meninos/as alunos, foram uma discussão constante. A presença no CineOP, mais especificamente nos Foruns da Kino de 2014 e de 2015, foi um dos marcos, assim como a participação em oficinas e Mostras de Cinema indicadas e frequentadas pelo grupo ou parte deles, momentos que extrapolaram os sábados e os limites físicos da FAE. Nessas ocasiões, um vasto horizonte se abria. Paralelamente, a turma se comunicava e trocava experiências, ideias, dúvidas e algo mais, no grupo online que foi criado, em funcionamento até hoje, depois de um ano de concluído o curso.

Essas tantas formas de encontro e reencontro com o cinema, vividas individual e coletivamente por aquele grupo, se alargou para e transmutou num (re)conhecimento. Vê-se, assim, não apenas o conhecer de novo, algo próximo de um aprender e reaprender com o cinema, nos termos de Fresquet (2007), mas algo mais. Trata-se de um reconhecimento

de um lado como valorização de algo: de entender a importância do cinema na escola, digamos. E, de outro, uma valorização no sentido de se entender que é possível, que nós somos capazes de, porque somos sensíveis para. Esse aspecto é crucial, como Boal (2010) nos adverte. Por certo que muitos daqueles estudantes professores viveram esta experiência: da compreensão de que podemos, de que somos capazes, de que é importante e possível o trabalho com o cinema na escola, não somente como recurso didático, mas como experiência estética, formativa e humanizadora. Para uma escola e uma docência mais bonita e mais feliz. Daí, também, nossa preocupação em entender o processo do Laseb e não somente seus desdobramentos ou feitos mais visíveis, como se vê, por exemplo, nas 38 monografias elaboradas pelos professores estudantes, como exigência de conclusão do curso.

O Laseb foi uma oportunidade para se questionarem certos padrões fílmicos a que aquele grupo estava acostumado, padrões amarrados à indústria cultural e, nela, o domínio do cinema hollywoodiano. Ainda nessa direção e alargando mais, o Laseb foi também um (re)encontro daquele grupo com os fundamentos pedagógicos mais gerais da docência, oportunizado pelo conjunto de disciplinas do eixo pedagógico da proposta curricular. Agregando esses dois eixos, aos quais se somaram seminários e oficinas de temas transversais, atuais e urgentes na reflexão dos educadores, observa-se, ainda, o (re)encontro do grupo com a pesquisa. E nela, com a própria escola e a comunidade escolar, tendo em vista não somente o que estavam aprendendo e desaprendendo naqueles sábados e mais, como também as exigências da realização da monografia.

Em resumo, esse (re)encontro com o cinema e esse (re)conhecimento de possibilidades a partir dele eram visíveis nas conversas e comentários daqueles colegas, nos temas e questões que transitavam nas aulas e atividades trazidos da escola para o Laseb e levados deste para a escola. Alguns professores do grupo foram, inclusive, se tornando uma referência para outros colegas e para suas escolas sobre as “coisas de cinema”, sendo por vezes responsabilizados por Mostras e projetos com cinema onde trabalhavam. Tudo isso fica claro quando se observam, por exemplo, os projetos realizados nas escolas sistematizados nas monografias, sendo estas algo como uma síntese e uma criação que resultou dos (re)encontros e (re)conhecimento havido com o cinema a partir do Laseb.

Esses enredos permitem-nos supor que, de um modo geral, o Laseb, reverbera para além daqueles sábados, como nossas observações e relatórios indicam. As histórias ali vividas eram trazidas e foram se fixando no cotidiano docente e na vida das escolas daqueles estudantes professores, ainda que em diferentes intensidades para os diferentes estudantes professores daquela primeira turma do Laseb de Educação e Cinema.

Partindo das observações do cotidiano e das conversas daqueles sábados e outros momentos e espaços vividos pelo grupo, é possível afirmar que esse projeto de formação de professores foi uma feliz e fecunda experiência, tendo sido algo vivido e significado, tendo sido algo que lhes passou não apenas como uma exigência formal ou burocrática, mas no nível do vivido, do desfrutado; tendo sido algo em que aqueles docentes se implicaram, se envolveram, se expuseram com suas dificuldades, erros e acertos, com seus limites e possibilidades, não raro com algumas tensões advindas da escrita do memorial, da elaboração do projeto de intervenção e de sua sistematização escrita na monografia, percursos por onde passaram os encontros e reencontros daqueles educadores com o cinema.

A promessa, a aposta do Laseb de Educação e Cinema continua, ainda, uma outra ideia de fundo: o Laseb deveria ser uma experiência: aquilo que expõe, que apaixona. O que deixa marcas, que transforma. E, por isso, forma, lembrando Larrosa (2004). Tem-se, aqui, algo maior que as normas e exigências burocráticas de formação de professores; algo mais profundo do que o enriquecimento de currículo e o acesso na carreira docente. Algo muito mais largo e vertical.

O QUE FICOU... DE ALGUMAS QUESTÕES E PREOCUPAÇÕES

Findo o calendário dos sábados, defendidas as monografias, findos os tempos curriculares desta primeira edição do Laseb de Educação e Cinema, voltando às escolas, de onde não saíram para realizar o Laseb (os estudantes professores, durante o curso, foram autorizados a se ausentar das escolas somente nos sábados letivos, mantendo integralmente suas extensas jornadas de trabalho semanais, dentre outras tantas), algumas expectativas e preocupações foram surgindo ou sendo reiteradas, porque já eram antigas questões da formação de professores.

Tendo em vista a importância de experiências como esta e similares, a primeira indagação é sobre o próprio sábado. É adequado, é pertinente, é justo com os docentes restringir ainda mais seu pouco tempo livre para a realização desse tipo de curso? Não seria muito mais justo, e até mesmo produtivo, que esses tempos de formação se realizassem ao longo de suas jornadas semanais de trabalho, respeitando-as, ao invés de ampliar essas jornadas pela diminuição do tempo de descanso e regeneração das suas capacidades e disposição para o trabalho? Esta é uma questão fundamental, inclusive porque atinge os direitos dos trabalhadores ao tempo livre. Trata-se, também, de uma questão não apenas para todos os cursos do Laseb, mas para todos os demais projetos de formação de

educadores que se realizam aos sábados de norte a sul, de leste a oeste do Brasil, como também para aqueles realizados nos períodos das férias.

Um segundo problema a pontuar diz respeito à temática da formação dos professores face às condições objetivas e subjetivas do exercício da docência na Educação Básica, problema de alto teor na educação brasileira de ontem e de hoje. Se a docência se realiza de uma e de outra maneira, se o exercício da docência depende tanto ou mais das condições laborais dos educadores (jornadas e contratos trabalhistas, salários, número de escolas, de turnos e de alunos em sala, etc.) e da infraestrutura das escolas, assim como da organização do trabalho, dos currículos e da cultura da escola (calendários, horários, conteúdos disciplinares, rituais e exigências didático-pedagógicas, número de alunos em sala, etc.), os projetos e propostas de formação de professores, de qualquer natureza, são restritos e limitados. Seus impactos e desdobramentos positivos nas escolas não estarão assegurados por si só. Dependem de fatores relativos ao funcionamento das escolas. Nesse sentido, não basta atuar na formação dos educadores sem mudanças efetivas que alterem as inúmeras dificuldades objetivas que inviabilizam o trabalho docente com a qualidade esperada.

Associada a esta questão, sabe-se que os trabalhos com cinema e audiovisual exigem equipamentos e instalações adequados para a garantia de sua qualidade. Ainda que escurecendo uma sala com panos, ligando uma pequena caixa de som e/ou fazendo filmagens com celulares possam ser realizados belos e significativos trabalhos com cinema na escola, as condições materiais para isso são fundamentais. Elas alteram o que se faz ou se pretende fazer. Essa questão nos conduz às políticas educacionais e de Estado, de modo a assegurá-las em todas as escolas do país.

Findos os encontros dos sábados, ficam ainda outras questões a serem enfrentadas pelo Laseb e por projetos semelhantes: como prosseguir com eles? O que poderia e deveria ser criado para a continuidade não somente desses projetos a serem realizados com outros grupos de educadores, como também para ampliar sua potência por meio de novos projetos, iniciativas, encaminhamentos e realizações através dos quais os grupos de professores estudantes possam continuar juntos, idealizando, executando, avaliando coletivamente seus trabalhos nas escolas? Que tempos, que espaços, que recursos as escolas deveriam dispor para essa continuidade do que foi iniciado, proposto, experimentado? Nessa direção, o que caberia aos professores individual e coletivamente, o que caberia às universidades, às secretarias de educação, às instâncias de formulação e implementação de políticas educacionais?

Mais especificamente, em se tratando das universidades e do sistema de pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu* existente e/ou a ser criado no Brasil, como ficam as

relações entre esses tipos de projetos, de especialização e os mestrados profissionais, visto que há vários pontos de convergência entre eles, especialmente no que concerne ao formato e às exigências do Laseb? Tais questões extrapolam os propósitos deste artigo, mas precisam ser registradas para discussões e reflexões futuras. Esta é a razão para indicá-las nesta finalização, de modo que possam ficar em nossas agendas, como preocupações, desafios, temas e problemas a serem solucionados.

Retomando as ideias em epígrafe e considerando que o ato pedagógico envolve arte e política, pensando a política em várias de suas formas, entre elas da vida cotidiana e espaços privados às formulações das políticas públicas, dos currículos e projetos e outras mais, voltemos à proposição de Boal sobre os Três Poderes: Palavra, Imagem e Som. Juntemos a eles o Poder da Ação: a nossa capacidade de realizar na universidade e na escola ações coletivas instituintes – das ocupações que os adolescentes e jovens das escolas de São Paulo nos ensinaram ao findarem os idos de 2015 a outras formas de resistência e luta pela educação já conhecidas. E as que virão.

Que seja esse o nosso rumo. Que esse seja o nosso presente e nossos devires em torno da formação dos professores e das condições de exercício da docência, sem a qual aquela será em vão: o rumo da realização de ações coletivas, horizontais, solidárias, fraternas. Ações instituintes, que edifiquem o novo: outros tempos nos quais os cursos e projetos de formação acadêmica de professores em Educação e Cinema encontrem nas escolas de Educação Básica bases objetivas para a realização da potência de que são portadores. Realizando a aposta de que é possível, é necessário educar com boniteza, tanto quanto é urgente aprender-ensinar-aprender a humana docência, “tornando possível o que é preciso fazer.”

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

AZEVEDO, Ana Lúcia Faria; GRAMMOND, Maria Jaqueline; TEIXEIRA, Inês A. Castro. “Me ajuda a olhar”: o cinema na formação de professores(as). **Educação em Foco**, Belo Horizonte, MG. Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Minas Gerais, ano 17, n. 24, dez, 2014.

AZEVEDO, Ana Lúcia Faria; TEIXEIRA, Inês A. Castro. Os professores e o cinema na companhia de Bergala. **Revista Contemporânea de Educação**, Rio de Janeiro, RJ. Faculdade de Educação da UFRJ, v. 5, n. 10, 2010.

BARROS, Manoel. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo, SP: Planeta, 2003.

BERGALA, Alain. **A hipótese cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro, RJ: Bookling – CINEAD, LISE, FE/UFRJ, 2008.

© ETD- Educação Temática Digital Campinas, SP v.19 n.2 p. 400-417 abr./jun. 2017

BOAL, Augusto. **A estética do oprimido**. Rio de Janeiro, RJ: Garamond, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Trad. Daniela Kern e Guilherme F. Teixeira. São Paulo, SP: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1997 (Col. Leitura - Livro de Bolso).

FRESQUET, Adriana (Org.). **Imagens do desaprender: uma experiência de aprender com o cinema**. Rio de Janeiro, RJ: Booklink – CENEAD – LISE – FE/UFRJ: 2007. (Coleção Cinema e Educação).

GALEANO, Eduardo. **Livro dos abraços**. São Paulo, SP: L&PM Pocket, 2005.

LARROSA, Jorge. Experiência e paixão. In: LARROSA, Jorge. **A linguagem depois de Babel**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2004.

MIGLIORIN, César. Educação e cinema sob o risco da democracia. **Revista Contemporânea de Educação**. Faculdade de Educação da UFRJ, v. 5, n. 10. Rio de Janeiro, RJ, 2010.

MORAES, Vinicius. **Dia da criação**. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/vinicius-de-moraes/86516/>.

TEIXEIRA, Inês A. C. Deslocando a câmera, imaginando cenas, criando roteiros: o cinema na formação de professores. In: FREITAS, Maria Teresa (Org.). **Escola, tecnologias digitais e cinema**. Juiz de Fora, MG: UFJF, 2011.

REFERÊNCIAS FILMOGRÁFICAS

Que horas ela volta? Anna. Brasil, Muylaert, 2015.

Ela volta na quinta. André Novaes Oliveira. Brasil, 2014.

FONTES DOCUMENTAIS

RELATÓRIO DE ENCERRAMENTO da 6ª edição do Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica. Belo Horizonte, FAE/UFMG, 2016.

ⁱ Revisão gramatical do texto sob a responsabilidade de: Cibele Imaculada da Silva. Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa - PUC Minas.